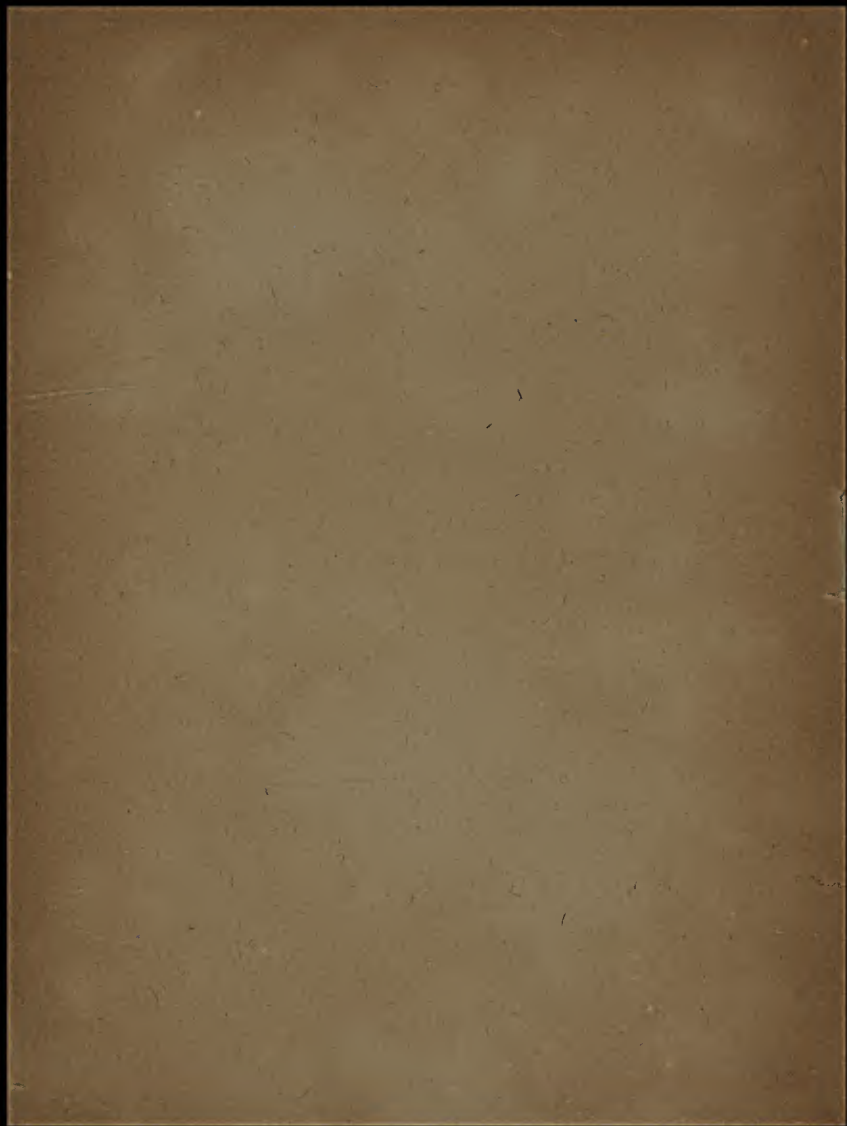


Agildo Barata

**Pela  
Democratização  
do Partido**





Asmob 05.177, 16

O movimento operário e comunista mundial sofre uma de suas mais gigantescas crises.

Creio que desde os dias da crise oriunda da decomposição dos partidos e grupos que encarnam o pensamento capitulacionista da 2.a Internacional, desde então o movimento marxista não sofre tão dura prova. Nos tumultuosos dias da 1.a Grande Guerra Mundial, o genio de Lenin, assessorado por um poderoso grupo de intelectuais e filósofos, lança-se, impetuosamente, "contra a corrente e proclama: "Morta a 2.a Internacional, viva a 3.a Internacional."

Mais de 40 anos rolaram sobre êsses fatos. Hoje, temos não mais um pequeno-grande e heroico Partido Bolchevique a conquistar o poder na velha Rússia Czarista. Hoje há um sistema de nações no mundo socialista — A maior parte do ingente e grandioso trabalho dos partidos operários e comunistas do sistema socialista é de caráter experimental. Nunca no mundo houve um tal sistema. E as fórmulas clássicas, tudo aquilo que escreveram nossos clássicos, exatamente por serem clássicos, digo exatamente porque se trata de clássicos marxistas que consideram a vida um "perpétuo. fluir", um permanente e inexorável "ser, não ser é vir a ser", pensadores que afirmavam o movimento inseparável da matéria, é precisamente por tudo isso, que o marxismo leninismo exige que os fatos atuais sejam examinados em sua completa inter-



ligação e em seu desenvolvimento à luz da nova realidade que existe no mundo.

A verdade, em nossos dias, tal como em dias passados, só pode surgir do choque violento — por vezes brutal mesmo — dos conflitos de contrários em presença.

O método dialético de pensar e agir repousa essencialmente em revelar os contrários existentes no bojo dos complexos problemas da natureza e da sociedade e descobrir, assim, do choque dos contrários a síntese de uma nova verdade.

A conciliação é tudo o que pode haver de mais anti-marxista, de mais antidialético.

Eis porque, nas ocasiões de crise, enquanto os filósofos e pensadores idealistas buscam mascarar os choques, ocultar os conflitos ou pregar a conciliação, freiando, qualquer que seja o pretexto, o livre curso dos choques entre o velho que resiste e o novo que busca abrir caminho, os filósofos e pensadores marxistas põem em relevo as contradições para superá-las. A conciliação é, então, anti-marxista; e a superação das contradições postas em relevo é marxista.

É claro que na busca do novo muitos são os caminhos errados e equivocados os falsos caminhos. E é o que está acontecendo no campo experimental do sistema socialista.

A estrada justa da verdade, porém, jamais poderá ser vislumbrada se se buscar conciliar os opostos, em vez de fazer ressaltar os contrários nos processos de discussão.





A nova verdade também nunca aparece completa e acabada de um jacto. Ela é descoberta através de um processo lento, duro, difícil.

De qualquer modo, porém, o novo surgirá. Mas se se mascara o processo de luta dos contrários existentes no bojo dos fenômenos, a descoberta do novo é muito mais demorada e penosa.

A busca do novo é sempre um ato de inteligência e por isso, no seio dos movimentos revolucionários, é dever dos verdadeiros marxistas, tudo fazerem por garantir o ambiente de livre e fecunda discussão, esmagando a tendência dos que se aferiram, como ostras, ao "velho". Nesta luta, os desafios do passado são esgrimidos como se fossem inabaláveis argumentos: surgem de cambulhada os insultos e as ironias. E o debate assume, então, não mais o aspecto de um ato de inteligência, mas também de um ato de coragem.

O movimento socialista — diziam os clássicos — era a soma do movimento operário mais a consciência socialista. Havia a "inculcação" da consciência socialista, vinda de fora da classe operária, penetrando no movimento operário espontâneo.

Hoje, a atração dos ideais do socialismo científico ultrapassa os limites do movimento operário. Este é um fato novo.

A nova estrutura do mundo, com a presença de todo um imenso sistema socialista é a realidade de nossos dias. É uma realidade concreta e objetiva. Esta realidade não poderia deixar de exercer decisiva influência na consciência do homem, uma vez

que é “a realidade quem determina a consciência e não o contrário.” Partidos, grupos, classes e camadas sofrem em suas consciências o reflexo desta estupenda realidade. Novas formas precisam surgir para fazerem frente à nova realidade. E é por isso que estalou no movimento operário e comunista a crise, o choque de concepções sobre o que é necessário fazer para abrir caminho mais rápido para o futuro.

Desde logo surgiu o problema da diversificação dos caminhos à medida que novos e novos povos marcham para o socialismo ou para o comunismo.

No caso brasileiro, o caminho só poderá ser encontrado num ambiente de livre debate, de livre discussão, de luta de opiniões dentro e fora das fileiras do Partido.

Embalde se buscará freiar esse processo. Por anos e anos, como diz o Projeto de Resolução, “abdicamos da capacidade de pensar independentemente e do necessário espírito creador”. Esses tempos obscuros passaram.

A mola de compressão do raciocínio, da faculdade de pensar chegou ao máximo de sua contensão e as forças imensas que estavam comprimidas desencadeiam-se em processos inexoráveis de discussão, a partir do XX Congresso do PCUS, no Brasil e em todo o movimento socialista mundial.

Primeiro foi o regime torrencial dos “desabafos confusos”. Hoje, aqui e ali, surgem os perfis de equilíbrio em busca de soluções. As soluções, porém, não cairão do céu. E muito menos no caso brasileiro.



Não serão alcançadas — como diz o Projéto — sem “desarraigar tôda uma tradição e isto não será conseguido sem vencer sérias e obstinadas resistências ainda que se apresentem sob as formas mais sutis.”

Algumas dessas resistências não serão tão sutis, serão até grosseiras; mas no caso não importa a forma pelas quais se apresentem: o fundamental é seu conteúdo frenador.

De qualquer modo e custe o que custar, é preciso vencer a resistência e ir adiante.

Um dos obstáculos a transpor é o problema de: “qual será o grupo, camada ou classe que, no Brasil, está em melhores condições de realizar o debate e descobrir o “novo”?

Sôbre isto tenho firmeza de opinião: o novo surgirá da intelectualidade ou da “intelligentsia” marxista. E isto porque a pesquisa, a descoberta do novo, — como disse — é um ato de inteligência, de hábito de ler, de estudar, de cultura. E contra a “intelligentsia” choverão os chavões transformando o debate em um ato misto de inteligência e coragem. É preciso, então, não afrouxar até que surja a nova verdade.

Achada esta, o proletariado a tomará em suas mãos potentes.

\* \* \*

Na luta por uma nova sociedade brasileira, temos de descobrir o caminho especificamente nosso





e neste terreno — sem deixar de valorizar o esforço imenso realizado e os êxitos conseguidos — o fundamental é ver que muitas e muitas são as coisas que precisam mudar. Esse é um problema de nossos dias, do qual não há como nem porque fugir.

Na multiplicidade dos problemas nacionais a enfrentar, dois existem, a meu ver, que assumem para o partido uma particular importância: os problemas de uma justa orientação política (problemas programáticos, táticos, etc.) e os problemas dos métodos a serem usados. Ambos são importantes, mas estou firmemente convencido de que o que há de mais urgente a fazer é **mudar os métodos**. Com os métodos que temos pouco adiantaria — e não creio mesmo que, aplicando-os, poderia surgir uma orientação política nacional e justa.

O PCB jamais soube usar a soma imensa da sabedoria coletiva do Partido. A arrogância de um pequeno grupo dirigente, que se projetava com maior ou menor intensidade em todos os escalões do Partido, de cima a baixo, matavam no nascedouro qualquer embrião de idéia nova. A “verdade” tinha de vir, sempre e invariavelmente, “de cima”.

É certo que se aconselhava que as bocas se abrissem. . . E, por vezes, elas se abriam mesmo; mas os ouvidos estavam entupidos pelos “canais competentes” de uma burocracia mais ou menos servil intelectualmente. E a “surdez” atingia aspecto incríveis no chamado “núcleo dirigente.”

Não creio que alguém houvesse sido estranho a esse sistema forjado no ambiente avassalador do



“culto à personalidade”, culto que, de resto, não era senão uma das consequências do próprio sistema. E nem creio tão pouco que se trate de escalar entre nós alguns Stalins botocudos. Quem de nós escaparia?

Não acredito, porém, que haja luta de opiniões, que haja livre discussão, sem que surja plenamente, sem restrições, a democracia interna em nossas fileiras.

Num partido marcado pela ausência quase absoluta de discussão livre e democrática, como é o PCB, é claro que numa hora em que se quer iniciar um debate, seria impossível deixar de surgir tendências más: ou um excessivo liberalismo, ou, uma tendência a voltar ao velho e calmo sossego das bocas caladas e obedientes. Ambas essas tendências nada têm a ver com os princípios do marxismo leninismo nem com o internacionalismo proletário. Nem muito menos com os interesses do Partido na atual conjuntura do mundo e do Brasil.

O livre debate, — democrático e construtivo — é a única saída, no momento. Qualquer tentativa de asfixiá-lo, além de ser uma ingenuidade inútil, pode conduzir a explosões desnecessárias.

Temos 33 anos de mandonismo e praticismo e apenas alguns dias de democracia. Somos bisonhos na arte de discutir e de aprofundar os problemas. Sem a discussão, a mais ampla e mais generalizada, não encontraremos as saídas e as justas soluções.

Daí a importância do debate. Daí a importância da democratização do Partido.



Para a democratização do Partido algumas medidas práticas se impõem desde logo, sem prejuízo de outras que surgirão no curso do próprio processo de discussão e democratização. Eis porque sugiro e pretendo trabalhar pela adoção de algumas dessas medidas. A primeira delas é a imediata realização de eleições em todos os organismos inter-mediários do Partido (do ponto de vista estatutário — ver artigos 34, e 38 — todos os Comitês Regionais, Zonais e Distritais estão fora da legalidade estatutária. São ajuntamentos de camaradas e não organismos de um Partido que tem no centralismo democrático um de seus princípios diretores. De passagem, é preciso dizer que as “normas orgânicas” para a realização de tais eleições é tarefa do C. C. e o C. C. tem a maior responsabilidade nesta infração frontal e prosseira a nossos Estatutos. Este “ensaio geral”, democratizante, antecipando os trabalhos do V Congresso, precisa ser realizado o quanto antes. Esta medida — eu creio firmemente — poderia contribuir de forma decisiva para mostrar que realmente existe a vontade de democratizar o Partido, de respeitar seus Estatutos. Sobre a necessidade desta medida não pode surgir nenhum argumento contra, nem razão alguma que justifique seu adiamento. Ao contrário, sua execução imediata, arejaria a vida dos organismos inter-mediários do Partido, dava-lhes vigor e autoridade).

Outra medida orgânica democratizante que penso deva ser tomada urgentemente é de fazer mo-

dificações no Presidium e no Secretariado, afastando desses organismos os camaradas mais categorizados nos métodos arbitrários e mandonistas.

É de vêr que as medidas orgânicas por si só não resolvem o problema dessa fundamental medida que é a democratização do Partido, mas constituem parte dessa solução.

\* \* \*

Sem temores nem alarmes, sem medo de medidas punitivas, num ambiente de livre discussão e de intenso e permanente debate que poderemos, iluminados pelo marxismo leninismo, encontrar e plasmar as formulas novas capazes de enfrentar e resolver os problemas do Partido e de suas ligações com as massas brasileiras.

O marxismo-leninismo, porém, não é tão somente uma teoria; é teoria e ação. É preciso combinar a discussão impenitente com a ação ininterrupta.

E isto porque vai ser necessária a superação quotidiana de contradições inevitáveis que surgirão no próprio processo de democratização do Partido.

Tomemos, por exemplo, o problema da direção coletiva. Nosso Partido era dirigido por um pequeno grupo de tres a quatro camaradas, sem dúvida esforçados, esfalfados mesmo, com as tarefas que açambarcavam num centralismo incrível e para as quais não podiam encontrar as mais justas soluções e, frequentes vezes, nem mesmo quaisquer soluções. Conseguimos dar um pequeno passo à frente na conquista de uma direção coletiva: tomaram-se me-



didadas para que o Presidium dirija o Partido entre uma e outra reunião do CC e que o Secretario apenas cuide, (o que não é pouco), do trabalho diário do Partido. Ao mesmo tempo, o CC passou a reunir-se com maior frequência e a assumir paulatinamente a direção do Partido. Neste momento em que se dão passos, ainda que tímidos, no caminho do estabelecimento de uma direção coletiva, neste momento estala uma crise de confiança no CC. Como superá-la? Eis um problema prático que, no processo de democratização, precisa ser enfrentado. A meu ver, uma medida talvez incompleta, mas sem dúvida necessária, para superar a contradição, é realizar modificações no Presidium e no Secretariado, o que encontra viabilidade nos próprios Estatutos (ver art. 28), modificações que afastem os camaradas mais responsáveis pelos métodos mandonistas autoritários.

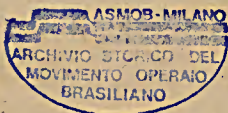
Um outro exemplo: — certos "organismos" dirigentes, como o C. R. do Rio, se apresentam tomando Resoluções em nome de um organismo quando, a rigor, não são propriamente organismos, pois não foram eleitos nos prazos estatutários nem representam democraticamente os organismos e organizações sob sua jurisdição. Que fazer? Realizar imediatamente as eleições que os Estatutos determinam e que isto seja feito o quanto antes.

Muitas e muitas outras contradições já surgiram neste duro e difícil processo de democratização. Tenho, porém, confiança inabalável na vitória final da luta pela democratização do Partido. Neste

processo, o livre debate assume importância gigantesca. Contra o debate livre e criador, construtivo e revolucionário, certamente irão surgir resistências anti-revolucionárias e conciliações idealistas. Umas e outras, em nome dos supremos interesses do Partido e do povo brasileiro, precisam ser superadas. E posto que a História não apresenta problemas que não tenham solução, as resistências serão esmagadas e a estrada que conduz ao futuro será limpa.

Rio, 27 de Novembro de 1956.

(Transcrito de «Noticias de Hoje», de 7-12-1956).



000558

